

MATÉRIA NEGRA

BRAD THOR

MATÉRIA NEGRA

Tradução de
MARIA FILOMENA DUARTE



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2014

Para os patriotas que existem em todo o espectro político

Para todos os que defendem a liberdade e a democracia

Na comunidade clandestina, as missões classificadas mais sensíveis chamam-se *operações negras*.

Poucos suspeitam, e ainda menos se apercebem, de que existe uma faceta mais obscura nas operações negras. Estas missões nascem nas sombras. Não são classificadas nem reconhecidas. Pura e simplesmente não existem.

São Matéria Negra.

Os ataques e a estratégia mencionados neste romance baseiam-se num plano destinado a apoiar e encorajar a destruição da América. Este plano, designado *guerra sem restrições*, é real.

Embora esta seja uma obra de ficção, algumas informações específicas foram alteradas propositadamente em determinadas partes para não facilitar a vida àqueles que pretendem fazer o mal.

Muitas das vulnerabilidades descritas neste romance continuam a existir.

Ex Umbra — Saído das Sombras

CAPÍTULO 1

ZONA RURAL NA SUÉCIA
ARREDORES DE UPPSALA
SEXTA-FEIRA

O seu sentido de oportunidade fora perfeito. Desviando-se para a berma no último momento, viu pelo retrovisor o *Skoda* branco que vinha atrás voltar-se de lado e chocar com uma árvore de grande porte.

Travou, afastou-se da estrada e saiu do veículo. O ar cheirava a abetos e a gasolina derramada. A mulher do lado do passageiro juntou-se-lhe. Tinham de despachar-se.

Metade do trabalho estava feito. O terrorista que ocupava o lugar do passageiro do *Skoda* não colocara o cinto de segurança. Estava morto.

O condutor tentava desembaraçar-se do cinto de segurança quando Scot Harvath se aproximou da janela. O homem praguejava em árabe lá de dentro. Harvath tirou do bolso uma vela de ignição, conhecida por *ghetto glassbreaker*, e usou-a para partir o vidro.

Agarrando na cabeça do terrorista, Harvath torceu-a bruscamente e partiu-lhe o pescoço. Devagar, deixou o queixo do condutor morto encostado ao peito.

O último passageiro era um jovem muçulmano sentado no banco traseiro, aos gritos. Assim que Riley Turner abriu a porta, verificou que ele se urinara. Colorindo-lhe o peito com a mira *laser* do seu *taser*, puxou o gatilho.

O sistema de propulsão de hidrogénio comprimido ejetou dois eléctrodos que se cravaram na carne do jovem. Os fios isolados ligados à arma emitiram um choque eléctrico bem audível que incapacitou a atividade neuromuscular do visado. Abrindo a porta do outro lado, Harvath teve o cuidado de evitar os eléctrodos ao retirar o homem do interior do automóvel e estendê-lo no chão. Logo que lhe algemou as mãos atrás das costas, pegou num rolo de fita adesiva e aplicou um bocado sobre a boca do homem. Com uma pinça tirou-lhe os eléctrodos. O homem estremeceu e soltou um grito de dor através da mordada. Nesse instante, Harvath levantou a cabeça e avistou uma carrinha *Opel* cinzento-pérola sua conhecida a aproximar-se.

A carrinha aproximou-se do automóvel acidentado, abrandou e parou. A porta de correr abriu-se e um homem de vinte e poucos anos, com um saco de compras na mão, saiu e enfiou o pé numa poça de líquido de radiador e vidros partidos.

O jovem operacional chamava-se Sean Chase e, embora a semelhança física não fosse perfeita, era o melhor de que dispunham.

Chase era filho de um americano e de uma egípcia. Aos olhos dos árabes, as suas feições eram árabes, e muitos ocidentais tomavam-no por um dos seus. Restava saber se os membros da célula de Uppsala o aceitariam.

Pretendia-se que fosse o mecanismo de escuta por excelência de Harvath, substituindo o jovem muçulmano que vinha no banco de trás do *Skoda*, Mansoor Aleem.

Mansoor e a célula de Uppsala eram a única ligação que os Estados Unidos tinham com uma série de ataques terroristas que haviam visado americanos na Europa e nos EUA. E por muito sangrentos que esses ataques tivessem sido, não eram nada comparados com o que, segundo os serviços secretos, os conspiradores estavam prestes a desencadear.

Substituir Mansoor por Chase constituía a parte mais perigosa e crucial da missão. Dada a pouca informação de que dispunham, só dois membros da célula de Uppsala é que conheciam Mansoor e tinham presente as suas feições. Os homens eram amigos do tio dele, um chefe terrorista que dava pelo nome de Aazim Aleem.

Os homens haviam recebido instruções para ir buscar Mansoor ao aeroporto de Arlanda em Estocolmo e levá-lo para a casa segura da célula, que ficava a duas horas de caminho para norte. Graças a Harvath, estavam ambos mortos.

A equipa mantivera os homens sob vigilância desde que chegaram ao aeroporto. O condutor só fizera um telefonema depois de terem recebido Mansoor e abandonado o aeroporto. Harvath esperava que o destino desse telefonema fosse a célula de Uppsala, para confirmar a receção.

Harvath pôs o jovem muçulmano de pé e empurrou-o contra a carrinha. Puxou da pistola *Glock*, colocou-a debaixo do queixo do homem e arrancou-lhe a fita adesiva da boca.

— Viste o que fiz aos teus amigos?

Mansoor Aleem tremia. Lentamente, fez um sinal afirmativo.

Embora o tio fosse um indivíduo muito, muito mau, como eram os dois homens mortos no *Skoda*, Mansoor pertencia à secção informática da Jihad e nunca lidara com a violência nem com cadáveres. Isto não significava que não fosse tão perigoso como os jihadistas que puxavam gatilhos, colocavam bombas ou se faziam explodir. Era um criminoso de monta. Além disso, representava uma potencial e inestimável fonte de informação, porque conduzira muitas ciberoperações do tio. Harvath não tinha dúvidas de que os Estados Unidos conseguiriam extrair dele uma tonelada de informações. Mas primeiro queria certificar-se, na medida do possível, de que Chase não cairia numa armadilha.

— Sabemos tudo acerca da célula de Uppsala — disse Harvath.
— Queremos que nos leves até eles.

Mansoor gaguejou, à procura das palavras.

— Eu, eu não posso.

— Não podes? O que queres dizer com isso? — indagou Harvath.

— Eu não os conheço.

Harvath enfiou o cano da arma ainda mais na pele macia do queixo do homem. Mansoor começou a lacrimejar.

— Não me lixes, Mansoor. Sabemos tudo o que estás a preparar.

— Mas eu não sei nada — respondeu ele com veemência. — Sinceramente. Por isso é que foram buscar-me ao aeroporto. Não sei para onde me levavam.

Harvath examinou a fisionomia do homem. Procurava expressões quase impercetíveis, indícios que as pessoas dão com frequência quando mentem ou se encontram sob tensão devido a um ato que vão cometer.

Tanto quanto Harvath conseguiu apurar, o homem não estava a mentir.

— Quero uma lista de todos os membros da célula. Já.

— Não sei do que está a falar.

Harvath empurrou a arma com mais força, causando-lhe maior dor.

— Eu só conhecia os dois homens que iam no carro — disse ele, desviando o olhar para o monte de destroços.

— Estás a mentir — disse Harvath.

— Eu *não* estou a mentir.

— Descreve-me os outros membros da célula. As idades, os antecedentes, quero saber tudo.

— Eu não sei! — insistiu Mansoor. — Continua a fazer-me perguntas a que não posso responder. As duas únicas pessoas que eu conheço neste país morreram! Você matou-as!

Com tão pouco tempo, Harvath não conseguiria arrancar-lhe mais nada. Obrigando Mansoor a baixar-se, tirou-lhe a carteira e atirou-a para Chase. Em seguida, revistou-lhe os bolsos e apoderou-se de tudo o resto.

Chase já tinha um passaporte britânico com a sua fotografia emitido em nome de Mansoor. Além disso, estava munido de uma carta de condução, de um cartão Multibanco, de dois cartões de crédito e de uma série de bugigangas que o tornariam ainda mais credível.

Chase examinou o punhado de objetos que Harvath tirara ao prisioneiro e guardou no bolso um cartão de embarque, um cartão do metropolitano de Londres e as chaves de casa de Mansoor.

Abrindo a bagageira do *Skoda*, o jovem operacional procurou a mala de Mansoor e examinou rapidamente o conteúdo, enquanto

trocava a sua roupa pela dele. Se soubesse tudo o que o informático da Jihad levava na mala, perceberia melhor qual a identidade que ia assumir.

Quando terminou, retirou a mala da bagageira e voltou a fechá-la. Olhou para Riley Turner e disse:

— Vamos acabar com isto.

Turner aproximou-se e desenrolou um pequeno estojo cirúrgico. Tinha trinta e poucos anos, era alta, bem constituída e muito atraente. O cabelo castanho-arruivado estava apanhado atrás num rabo de cavalo. Os olhos eram azuis e a boca grande e carnuda. Retirando uma seringa, começou a preparar um anestésico.

Chase abanou a cabeça.

— Aprecio a ideia, mas prescindo do *Botox*.

— Tu é que sabes — replicou ela, fazendo-lhe sinal para que se sentasse no banco de trás. — Mas isto vai doer.

O jovem operacional dos serviços secretos piscou-lhe o olho.

— Eu aguento.

Ela empurrou-lhe o cabelo preto para trás e esfregou-lhe a testa com um pedaço de lixa. Ele manteve-se sentado, estoico, mas esta era a parte fácil. Em seguida, Turner pegou no bisturi. Aproximando-o do contorno do couro cabeludo de Chase, enterrou-lho na carne e fez um pequeno corte em linha.

Chase sugou o ar através dos dentes cerrados quando o sangue começou a escorrer-lhe para a testa e para os olhos.

Turner estendeu-lhe um lenço de assoar.

— Céus, isso dói — disse ele.

— Eu avisei-te.

Depois de prender Mansoor no interior da carrinha, Harvath juntou-se-lhes. Inclinando-se, pegou numa mão-cheia de vidros partidos e entregou-os a Turner, que os espalhou no cabelo e nas dobras da roupa de Chase.

Harvath revistou os homens mortos e recuperou os seus telemóveis. Depois de clonar os cartões SIM, reconstituiu o telefone do condutor e atirou-o a Chase, dizendo:

— São horas de apareceres.

CAPÍTULO 2

Mustafa Karami não estava à espera de outro telefonema, sobretudo de Waqar. Waqar devia ir ao volante. *Nafees ficou de enviar uma mensagem de texto quando estivessem a chegar a Uppsala.* Algo devia ter corrido mal. Karami atendeu o telefone, ansioso.

— Por favor, tem de me ajudar — disse uma voz alterada.

— Quem fala?

— Mansoor.

— Porque me está a telefonar desse número?

— Houve um acidente. Não sei o que hei de fazer.

Karami era um homem de meia-idade, magro, com umas barbas grisalhas e ralas. Adoecera gravemente quando era pequeno, no Iémen, e por pouco não morrera. A doença afetara-lhe o desenvolvimento físico. Tinha um aspeto frágil e aparentava ser muito mais velho do que era.

Apesar das limitações físicas, era extraordinariamente inteligente. Estava bem preparado para a missão de que fora incumbido. Nada escapava ao seu olhar empedernido nem ao seu intelecto perspicaz.

Como fora submetido a torturas brutais pelo governo iemenita na juventude, aprendera à sua custa a pôr a segurança operacional acima de tudo. Não gostava de falar ao telemóvel.

— Onde estão os seus companheiros de viagem?

— Acho que estão mortos.

— *Mortos?* — perguntou Karami.

— Um carro mudou de direção e nós embatemos numa árvore.

— Que tipo de carro?

— Não sei. O que interessa? *Waqar e Nafees estão mortos.*

O jovem estava à beira da histeria. Karami tentou acalmá-lo.

— Está ferido? — perguntou ele tranquilamente.

— Não, quero dizer, não sei. Bati com a cabeça. Sangrei um pouco. Karami tinha de o fazer chegar.

— A viatura funciona?

— Não — respondeu o jovem.

— Houve testemunhas? Chamaram a polícia?

— Não sei.

— Onde está?

— Também não sei. O que faço? Vem buscar-me ou não?

Karami desculpou a insolência do rapaz. Estava assustado e provavelmente em choque.

— Descreva-me o que vê à sua volta para eu perceber onde está.

Chase recitou uns quantos pontos de referência à sua volta.

— Está bem — disse Karami, pegando num mapa que estava em cima da secretária. — Chega. Acho que sei onde está. Vou mandar dois dos irmãos buscá-lo. Há uma aldeia a menos de três quilómetros mais à frente. Quando lá chegar, verá uma mercearia à sua esquerda. Espere aí e os irmãos irão buscá-lo.

— Alá seja louvado — disse Chase.

Karami deu-lhe uma lista de coisas para fazer e desligou.

Virando-se para dois dos seus homens, Karami transmitiu-lhes o que acontecera e mandou-os ir buscar o jovem perito de informática.

Quando os homens saíram, Karami voltou-se para o seu acólito mais dedicado, Sabah. Sabah era um palestiniiano corpulento, calejado pela luta. Já fora um *mujabedin* e um polícia corrupto na cidade de Ramallah, na Cisjordânia.

— Quero que investigues este acidente, Sabah, e quero que te certifiques de que se tratou de facto de um acidente. Compreendes? Sabah fez um sinal afirmativo.

— Ótimo — disse Karami. — O que apurares, só mo dizes a mim. Entendido?

Mais uma vez, Sabah anuiu, com um gesto de cabeça.

— Não nos podemos dar ao luxo de ter acidentes. Sobretudo depois de tudo o que aconteceu. Só podemos confiar uns nos outros.

Em mais ninguém. — Agitando a mão, Karami ordenou-lhe que saísse. — Vai.

Estava paranoico, mas tinha motivos para isso. Eram tantos os seus planos que haviam saído frustrados que Mustafa Karami desconfiava de tudo e de *todos*.

Esperava que Sabah conseguisse averiguar tudo até ao fundo. Afinal, era uma pequena estrada rural e não muito frequentada. Fora o próprio Karami que escolhera o percurso. Se o local do acidente estivesse intacto, Sabah conseguiria saber ao certo o que acontecera. Se a polícia ou os curiosos já lá estivessem, ele nada poderia fazer.

Se fosse o caso, Karami teria de conduzir a sua própria investigação, a começar por Mansoor Aleem. Até se dar por satisfeito, não poderia correr o risco de confiar sequer no sobrinho de um grande homem como Aazim Aleem. Qualquer pessoa podia ser corrompida. Qualquer pessoa podia ser aliciada.

O que interessava era cumprir a sua última obrigação. Karami fizera um juramento. Manter-se-ia fiel a ele e não permitiria que nada nem ninguém se interpusesse no seu caminho.

Pensava se seria boa ideia levar Mansoor para a casa segura atual ou encontrar outro local onde ele ficasse temporariamente quando o ícone do Skype piscou no seu computador portátil.

Recebera uma mensagem do homem ao serviço de quem se encontrava — o xeque do Qatar.

«Está tudo em ordem?», perguntou o xeque.

«Está tudo em ordem», digitalizou Karami.

«Mantenha-se a postos», respondeu o xeque. «Se Deus quiser, será chamado a deslocar-se em breve.» E com isto, o xeque desapareceu. Karami concentrou-se de novo em Mansoor. Para já, o jovem teria de ficar alojado num sítio qualquer, longe da casa segura e do resto da célula. Havia demasiados interesses em jogo.

O homem que se autointitulava «xeque do Qatar» fechou o portátil com as mãos cheias de manchas da idade e espreitou pela janela do seu apartamento cavernoso. Tinha uma vista sobre Manhattan que valia literalmente trinta milhões de dólares. Era espantosa. Mesmo ao raiar do dia.

Sempre adotara o hábito de se levantar antes dos mercados. Apesar da idade avançada, constatava que tinha uma menor necessidade de dormir, e não o contrário.

Como se encharcava às escondidas em *cocktails* vitamínicos astromicamente caros e se alimentava de hormonas exóticas e de injeções de células estaminais, dizia às outras pessoas que possuía reservas abundantes de energia desde criança e atribuía o seu vigor à genética e à constituição física impecável.

Tal era a personalidade de James Standing com cara de Jano. Até o nome era falso.

Os pais, judeus romenos, chamaram-lhe Lev Brostein e mandaram-no para a Argentina para viver com uns parentes quando estalara a Segunda Guerra Mundial. Os pais ficaram na Europa, a tratar dos seus negócios e esperando que a situação melhorasse. Nunca conseguiram sair dos campos de extermínio.

Aos 13 anos, o rapaz fugiu de casa dos parentes argentinos, renunciou ao judaísmo e alterou o nome para José Belmonte — uma amálgama dos nomes dos dois toureiros de renome mundial na época — José Gomez Ortega e Juan Belmonte Garcia.

O recém-inventado Belmonte partiu para Buenos Aires, onde arranjou emprego como mandarete num hotel de luxo. Graças à sua proficiência e queda para línguas, começou a ajudar na central telefónica à noite e pouco depois trabalhava a tempo inteiro. Foi nesta altura que começou a construir a sua fortuna.

Belmonte, nascido Brostein, escutava todas as conversas telefónicas do hotel, em especial as dos hóspedes ricos. Aos 15 anos, entrou no mercado bolsista. Por volta dos 18, aperfeiçoou o seu inglês e aos 20 mudou de nome outra vez e mudou-se para a América.

Standing era o apelido de um elegante hóspede americano com uma mulher deslumbrante, viçosa e loura que visitava o hotel de Buenos Aires todos os anos no inverno. Para Belmonte, pareciam estrelas de cinema e representavam tudo o que ele sentia que o mundo lhe devia. Escolheu o primeiro nome de um dos seus escritores americanos preferidos, James Fenimore Cooper, adotou o apelido Standing e assim nasceu James Standing.

Emigrou para a América, onde explorou com sucesso as suas poupanças substanciais e o seu pendor para traficar informação privilegiada e construiu um dos maiores impérios financeiros do mundo.

Agora, do seu poleiro dourado sobranceiro à capital mundial da finança, lia todos os matutinos antes da maior parte da cidade acordar.

Independentemente do seu ritual da manhã, nesse dia, ter-se-ia levantado cedo. Por sinal, não conseguira dormir muito bem. Aguardava um telefonema importante.

Alguém, para usar a terminologia grosseira da rua, fornicara com o tipo errado. O «tipo errado» era James Standing. E quem fornicara com o tipo errado estava prestes a receber uma lição muito dolorosa e *permanente*.

Aliás, seria a derradeira lição e lembraria subtilmente aos seus outros inimigos que certas pessoas não deviam ser enganadas. Não que Standing assumisse a autoria do que ia acontecer. Seria um disparate tremendo. Era preferível deixar que as pessoas tirassem as conclusões. O facto de não se saber se ele estivera ou não envolvido só aumentaria a aura do seu considerável poder.

Embora tivesse chegado onde chegara violando todas as leis, continuava a ter de aparentar que se regia por elas — pelo menos, durante mais algum tempo.

Mas em breve, como um velho hotel na Strip de Las Vegas, a América seria destruída mediante um processo de demolição controlado. E quando isso acontecesse, as leis não mais se aplicariam a James Standing.

CAPÍTULO 3

COLDWATER CANYON
LOS ANGELES, CALIFÓRNIA

O *Porsche 911 GT3* vermelho chegou ao cimo da rampa empedrada e parou.

— Ficas bem?

O homem que ocupava o lugar do passageiro não disse nada. No meio do espaço reservado aos automóveis, um Posídon coberto de verdete velava por um grupo de ninfas que transportavam conchas douradas. A água caía em cascata de umas conchas para as outras e o som entrava pelas janelas abertas do carro.

Os dois homens ficaram em silêncio por alguns instantes. O ar noturno estava pesado, húmido, devido à camada de nevoeiro que vinha da costa. Os carvalhos rugosos e os pinheiros altos da propriedade agitavam-se como cavalos adormecidos numa pastagem impecavelmente tratada.

Atrás de uma longa fila de portas de garagem de alumínio escovado havia diversos automóveis de luxo de gama alta no valor de milhões de dólares. A casa de vidro e aço ao lado albergava outros brinquedos caros e obras de arte de valor incalculável. Nas traseiras da casa, havia uma piscina com mosaicos pintados à mão, um campo de golfe de três buracos e jardins exóticos que rivalizariam com os da antiga Babilónia. Para a maioria dos observadores, o homem sentado no banco do passageiro tinha tudo e mais alguma coisa.

Larry Salomon, um produtor de cinema atraente de 52 anos, era o homem com o toque de Midas, ou assim diziam os que tinham memória curta e pareciam não se lembrar ou não se importar com o muito que ele trabalhara para chegar onde chegara.

Até os políticos que Salomon recebera em sua casa para recolher fundos, antes de acabar com isso, adoravam sorrir e dizer-lhe que subira na vida com facilidade. *Hollywood é um jardim zoológico de brincar comparado com as selvas de DC*, afirmavam eles.

Nenhum deles sabia do que falava. Hollywood assemelhava-se muito a um romance de Charles Dickens. Podia ser o melhor dos lugares; podia ser o pior. Maquiavel, Dante, Shakespeare... todos se teriam sentido em casa aqui. Tinseltown era uma contradição frenética.

Era Zanzibar dos tempos modernos; um mercado de escravos onde as pessoas eram maltratadas, vendidas e roubadas aparentemente a toda a hora. Era igualmente um lugar dotado de um génio e de uma beleza incríveis, onde ainda se concretizavam sonhos.

Hollywood era um lugar onde uma mente criativa se podia juntar a outras e construir algo com capacidade para afetar a vida de milhões e milhões de seres humanos. Era um lugar, para a maioria das pessoas, onde a magia ainda existia. Infelizmente, e apesar do seu sucesso, Larry Salomon já não pertencia a esse número.

Na sua mente, a magia era para os desgraçadamente ingénuos. «Felizes para sempre» só existiam nos contos de fadas e, claro está, no seu equivalente dos tempos modernos, o cinema. Era fumo e espelhos, e Salomon bem o sabia.

— Larry? — repetiu o homem que levava o produtor de cinema a casa. — Quero ter a certeza de que vais ficar bem.

— Sinto a falta dela — disse Salomon.

Luke Ralston pôs o *Porsche* em ponto morto e acionou o travão de mão. Trabalhara nos últimos seis filmes de Salomon, e crescera entre os dois homens um vínculo muito profundo. Alto, bem constituído, com feições vigorosas, dentes branqueados e corte de cabelo dispendioso, Ralston podia ser um dos atores principais do produtor, se se ignorasse o coxear que o atormentava de vez em quando.

Mas Ralston não era ator. Era aquilo a que vulgarmente se chamava em Hollywood um «consultor técnico». Ex-operacional da Força Delta, Ralston usava a sua vasta experiência militar para garantir

que os atores de Salomon sabiam o que estavam a fazer nas cenas de ação, sobretudo quando envolviam armas de fogo, luta corpo a corpo, condução evasiva ou qualquer número de outras situações táticas.

— Isto devia estar a ser mais fácil — acrescentou Salomon, olhando para o ar. — É o que toda a gente diz. Aconselham-nos a mantermo-nos fortes. Mas não facilita coisa nenhuma.

O para-brisas começara a embaciar-se. A temperatura estava a descer.

Ralston pensou fechar as janelas do carro, mas resolveu não o fazer. Alteraria o ambiente e afastaria os dois homens demasiado cedo. Como Salomon ainda precisava de conversar, Ralston ficaria ali a ouvi-lo enquanto fosse necessário.

Gerou-se um silêncio pronunciado entre ambos. O único som provinha da vibração do motor do *GT3* e da água que caía na fonte. Pouco depois, Salomon falou.

— Acho que vou para dentro.

— Queres que entre por um bocadinho?

O homem mais velho abanou a cabeça. Desapertou o cinto de segurança e procurou o puxador da porta.

Ralston pousou a mão no braço do amigo.

— Não bebas mais hoje, Larry. Está bem? — O produtor de cinema já consumira álcool suficiente.

— Como queiras — respondeu o homem, agitando a mão. — A pensão está livre se quiseres.

O homem mais novo olhou para o relógio. Tinham deixado o carro de Salomon à porta do restaurante quando ficara bem patente que ele não estava em condições de guiar.

— Tenho um encontro logo de manhã com uns amigos — disse Ralston. — Telefono-te assim que me despachar e vamos buscar o teu carro.

O produtor agarrou no puxador e abriu a porta.

— Não te incomodes. Eu trato disso — disse ele, descendo do carro.

Havia laivos de irritação na voz de Salomon, que, devido ao efeito do álcool, transitava da pieguice para a raiva.

Ralston abanou a cabeça. Não devia permitir que o amigo bebesse tanto. Mas, ao fim do dia, era assim que se afogavam as mágoas.

— Tens a certeza de que ficas bem? — perguntou, quando o produtor fechou a porta do carro e começou a afastar-se.

Salomon não se incomodou a virar-se para trás; acenou por cima do ombro e subiu os degraus da entrada.

Ralston conhecia-o suficientemente bem para saber que provavelmente iria continuar a beber. Pouco podia fazer contra isso.

— Tenta dormir um pouco — recomendou-lhe, quando o produtor chegou ao cimo das escadas e abriu a porta principal de vidro gravado a ácido.

Ralston esperou, viu o amigo entrar em casa em segurança e só depois engatou a primeira e saiu da zona de estacionamento.

Ao descer a rampa, perguntou a si próprio se deveria voltar atrás. De todas as noites do ano, esta era a mais difícil para Salomon.

Se não tivesse sido assassinada há três anos, a filha dele, Rachel, completaria 21. Um ano depois da morte de Rachel, o casamento de Larry desmoronara-se. Perder um filho era um desgosto que nenhum pai devia ter de suportar, e ser abandonado pela mulher a seguir ultrapassava todas as marcas.

Quando a mulher o deixou e voltou para leste, Larry nunca recuperou completamente. Embora as atrizes, algumas muito conhecidas, se atirassem a ele, Larry nunca mais estivera com nenhuma mulher. Perdera o desejo. A única coisa que o fazia continuar a viver era o trabalho.

E se desta vez ele fizer um disparate qualquer?, interrogou-se Ralston. O álcool e a depressão eram uma combinação péssima.

O pensamento atormentou-o até chegar ao portão, e talvez o tivesse atormentado até casa se algo não lhe chamasse a atenção. *Marcas de pneus*.

Como podia haver marcas de pneus por cima das suas? Ralston abrandou para examiná-las. Eram diferentes das do *Porsche* e pareciam virar à esquerda na direção da rampa de serviço que conduzia às traseiras da propriedade.

Salomon era um dos poucos homens ricos de Hollywood que ele conhecia que não tinham pessoal doméstico interno. E embora passasse bastante da meia-noite e tecnicamente já fosse de madrugada, ainda era muito cedo para os jardineiros ou outro empregado de Salomon